

## RESENHA

ZANOTELLI, Jandir João. América Latina. Raízes sócio-político-culturais. EDUCAT. Pelotas, 1998.

*Agemir Bavaresco*

### A - O LIVRO: OBJETIVOS TEÓRICOS E PRÁTICOS

#### 1 - Como o autor situa a América Latina?

Ele a situa dentro de duas coordenadas culturais: “Por um lado as culturas ameríndias, anteriores à invasão européia e por outro o Estado de Cristandade,<sup>1</sup> que forjou a identidade européia e que fez da América Latina uma Cristandade Colonial” (p.9).

#### 2 - Qual é a *justificação* desta localização histórica?

Uma dupla justificação: Em primeiro lugar, para não perder a memória e a identidade ameríndia e, em segundo lugar, para compreender nossa situação dentro do EdC ou da civilização ocidental que se deve diferenciar do Cristianismo: “É imprescindível estudar as culturas ameríndias, pré-semitas, para não perdermos a memória e a identidade americana, por outro lado não se entendem as culturas, e a identidade americana sem localizar a América Latina no quadro geral de desdobramento do Estado de Cristandade muitas vezes confundido com Cristianismo e com a Civilização Ocidental” (p.9).

#### 3 - Qual é a *hipótese* de trabalho do autor?

A hipótese se articula em dois momentos: Primeiramente, o EdC, que é a fusão do Império Romano indo-europeu com o cristianismo

---

\* Doutor em Filosofia pela Universidade de Paris, Panthéon - Sorbone. Diretor e professor do Instituto Superior de Filosofia.

<sup>1</sup> Nós usaremos como abreviação de Estado de Cristandade: EdC

<sup>2</sup> Nós usaremos como abreviação de América Latina: AL

semita, é a *matriz etiológica*, ou seja, a matriz causal de nossa cultura. Em segundo lugar, a matriz cultural, epistemológica, econômica e política do EdC foi exportada e imposta para a AL, África e Ásia sob a forma colonialista, ou seja destruindo as outras culturas. O pressuposto teórico de Zanotelli é a teoria da dependência, isto é, nós somos o efeito dependente do projeto colonialista baseado nos três Ms: Mercado, Militarização e Missão:

Esta hipótese de trabalho, diz Zanotelli, é também “o horizonte interpretativo da cultura mundial hoje: essa aldeia global” (Mc Luan): “Nossa hipótese é que a antropologia e a cosmovisão da AL<sub>1</sub> e, nela, dos países do Mercosul, derivam do Estado de Cristandade que, destruindo as culturas ameríndias, africanas e asiáticas através da colonização, da modernização, da europeização do mundo impôs e impõe seus padrões de conduta, seus padrões epistemológicos e valorativos através da economia, da política e de todos os processos de inculturação” (p. 15).

#### 4 - Qual é o critério de análise?

É o *núcleo ético-mítico* elaborado pelo EdC. Vale notar o que Paul Ricoeur entende por NEM<sub>1</sub> em seu artigo *Civilisation universelle et cultures nationales*: “Todo sistema de civilização está organizado em torno de uma substância, de um lar, de um *núcleo ético-mítico* (valores fundamentais do grupo), que poderá ser descoberto graças à hermenêutica dos *mitos básicos* da comunidade, sendo, para este fim, a filosofia da religião um dos instrumentos indispensáveis”<sup>2</sup>. “Propomos, diz Zanotelli, para critério de análise da Civilização Ocidental e do mundo atual, especificamente para a AL, o *núcleo ético-mítico* estabelecido pelo Estado de Cristandade, que não pode ser confundido com Cristianismo nem com a Idade Média e que é posto definitivamente em crise com o Concílio Vaticano II a partir de 1962” (p. 14).

#### 5 - Qual é o pressuposto teórico?

O autor busca em Ricoeur a teoria do NEM para mostrar toda a

---

<sup>1</sup> Nós usaremos como abreviação de Núcleo ético-mítico: NEM.

<sup>2</sup> Citado a partir de Enrique Dussel. *Filosofia da Libertação. Crítica à ideologia da exclusão*. Paulus, São Paulo, 1995, nota 42, p. 15. No entender de Dussel, “até o presente não foi realizado este trabalho de discernimento fenomenológico”, isto é, o resgate do NEM latino-americano.

construção da matriz cultural do EdC; em Toymbee a periodização histórica; e em Dussel a teoria da dependência<sup>3</sup> e o seu método de análise: “É necessário, diz Dussel, reformular conceitual e latino-americanamente uma certa visão pensada da totalidade que nos rodeia: para ser pensada, a totalidade e a alteridade em que vivemos exigem um método - o método analético<sup>4</sup>. Este método permitirá desentranhar a totalidade e a alteridade históricas como processo que se está cumprindo dialeticamente, ainda que não o pensemos. Este pensar o já compreendido existencialmente é a tarefa filosófica e geracional que devemos levar a cabo. Devemos pensar o âmbito da antologia, no qual com frequência nos movemos ingenuamente e que não apenas permite a guerra como diviniza a injustiça e inviabiliza a ética da libertação. Para tanto é preciso voltar sobre nosso passado e descobrir [...] a genialidade tanto dos grandes políticos periféricos como das diversas revoluções latino-americanas”<sup>5</sup>.

#### 6 - Qual é o plano de trabalho?

Ele é composto de duas partes: Na primeira parte, o autor trata das raízes e das fontes do EdC que são o NEM dos pré-semitas, o NEM dos indo-europeus e o NEM dos semitas. Na segunda parte, ele trata do surgimento, da estruturação e da expansão do EdC através da fusão dos povos indo-europeus e semitas.

#### 7 - Qual é a condição para a *superação do EdC*?

É a desconstrução do NEM do EdC e a construção de um novo NEM: “A crise da Civilização Ocidental é crise ínsita em sua própria constituição. É a expressão dialética de suas contradições que pedem uma superação, inclusive como retorno prospectivo às raízes. A AL, e os países do Mercosul, só conquistarão um horizonte de interpretação que lhes permita diálogo e esperança comuns se, e na medida em que *superarem o horizonte cultural* (que é ontológico e antropológico) do

<sup>3</sup> Cf. “Para uma história latino-americana: a dependência colonial mercantil; a dependência neocolonial liberal, industrial; a crise da dependência e libertação latino-americana”. E. Dussel. *Método para uma Filosofia da Libertação*. p. 230 ss.

<sup>4</sup> “Podemos falar do momento analético que não nega o valor ontológico (dentro da totalidade, então e somente) do método dialético, mas descobre uma dimensão humana de significação metafísica e libertadora”. Id. E. Dussel. op.cit, p. 220.

<sup>5</sup> Id. E. Dussel. op.cit. na capa.

EdC” (p. 17).

## B - DESTAQUES

a) O autor relê a História do Ocidente e nela a História da AL e conclui que: A matriz cultural da Europa é a mesma do EdC, isto é, a união entre os núcleos ético-mítico indo-europeu que prioriza a propriedade e a razão instrumental, e o semita que privilegia a liberdade, a alteridade e o monoteísmo.

A partir desta matriz cultural a Europa exportou o seu modelo mercantil salvacionista para o mundo. No caso da AL, ela foi constituída como uma Cristandade Colonial e escravagista. A estrutura de dependência causou práticas de imitação, sobre-valorização do estrangeiro, desprezo pelo autóctone, especialmente, o índio, o negro, o mestiço. A independência política deslocou o poder das mãos da elite metropolitana de além mar, para o grupo mestiço da AL que antes era “capataz” da metrópole. Porém, a independência política não alterou a dependência e a submissão à metrópole europeia. Enfim, a independência política formal não realizou a independência econômica, social e cultural, mas encobriu, justificou e cristalizou a dependência.

b) O autor diferencia dois termos fundamentais para demonstrar sua hipótese de trabalho: o NEM da Cristandade e o NEM do Cristianismo.

1º) *A Cristandade*: A partir de 313, Constantino com o Edito de Milão, garante a liberdade religiosa para os cristãos. Aqui inicia-se, diz Zanotelli, o processo de fusão de Império Romano e Cristianismo originando o EdC que vigorará até os dias de hoje (cf. p.79). Fundem-se assim a estrutura econômica, política, social, cultural de Roma (e Grécia) com a ética semita do cristianismo (cf. p.92). “A Igreja cristã adota a estrutura, as instituições, a burocracia e, em parte, a ideologia do Império Romano como suas. Os cristãos tentam evangelizar o Império Romano, já não como os primeiros cristãos, mas fundindo-se, negociando, fazendo acordos e, por fim, assumindo o Império. Disto resultou o Estado de Cristandade” (p.85).

A Idade Moderna insistirá na tese da separação de Igreja e Estado. Na verdade, o que a burguesia moderna pretende é a separação do Estado de Cristandade e do Estado Civil. Ambos, porém, são polos do mesmo

EdC” (p.93). São duas sociedades soberanas, onde a política determina a religião (1648-1962).

2º) *O Cristianismo*: Os primeiros cristãos são situados historicamente até 313 d.C. A comunidade era o centro da vida. A Igreja sabia-se e dizia-se “povo de Deus”, mistério e sacramento de salvação. Após 313 esta experiência original se diluiu no EdC. É somente em 1962 com o Concílio Vaticano II, diz Zanotelli, que a Igreja volta às origens, isto ela reconheceu o pluralismo cultural e ideológico no mundo, reconheceu que ela mesma não era co-extensiva à sociedade, nem era uma sociedade perfeita, hierarquicamente determinada, senhora do mundo e da salvação, mas que era povo de Deus, a serviço de todos os homens” (p. 121).

### C - PROPOSIÇÕES

a) Construir uma nova identidade a partir da categoria da alteridade.

Para construir a nova alteridade, diz Zanotelli, é preciso desconstruir todos os valores do EdC e construir na vertente pré-semítica e semítica a construção de uma nova identidade que privilegia sobretudo a categoria da alteridade: “Para elaborar sua identidade a AL deverá amassar seus sonhos com essas raízes e essa história. Para isso é preciso desconstituir a Cristandade que se implantou como se fora a raiz única e definitiva da AL, para buscar na vertente primeva dos valores semitas e pré-semitas a possibilidade crítica de uma utopia que seja o espelho e a garantia de nossa identidade e dignidade. Sem o critério da alteridade nosso discurso não passará de encobrimento, disfarce, justificação do interesse de alguns” (p. 133).

b) O princípio da globalização acentua o universal, ou seja, a totalidade. Zanotelli, propõe a construção de uma identidade aberta à alteridade. Ou seja, a construção de uma identidade que articule o singular de cada cultura nacional, a particularidade regional latino-americana com a civilização universal ou global. Para Dussel, trata-se do princípio da “universalidade analógica” o “todo” da humanidade futura unificada na diversidade de suas partes constituintes, onde cada uma, sem

---

<sup>1</sup> E. Dussel. op.cit. nota 55, p. 212

perder sua personalidade cultural, possa participar sem entraves de uma comunicação sem as fronteiras de nacionalismos fechados. Não é a univocidade de uma humanidade dominada por um *só império*, mas uma só pátria mundial na liberdade solidária das partes”<sup>1</sup>.

c) Enfim, o livro não se reduz a uma análise da história, mas ele é um discurso apaixonado pela AL, onde o autor passa, seguidamente, do nível teórico propriamente dito, para o discurso ético-mítico ou ético-místico, segundo o termo de Dussel. Ele denuncia com veemência o NEM da EdC e convida, ao mesmo tempo, a engajar-se na construção de um novo NEM latino-americano.

A utopia de Zanotelli é não se contentar com as folhas e a superfície do que já está dado, mas buscar as raízes profundas de nossa cultura, para além do EdC, e assim construir esperanças e edificar a paz na justiça.